

OS ÚLTIMOS DIAS

(mais conteúdo em pedro-nunes.com)

– “*A fé de nada me serve, agora.*” – Diz ele, a voz enegrecida como a penumbra, porque ainda não despertou, verdadeiramente. Ainda persiste naquela forma exclusiva de paz que só a noite pode oferecer, sem a evidência das coisas, sem o concreto que tanto oprime, a perda, o luto, o silêncio onde as memórias fulguram sons familiares, inebriantes – “*Que Deus aceita um homem às portas da morte?*”

– “*Olha que não sabes... Preferias um crente desonesto ou um ateu sincero?*” – A pergunta confundiu o velho que, ainda deitado, ponderou seriamente em qual das alternativas o seduzia mais. Já só depois de se endireitar na cama, num doloroso esforço, sentiu alguma confiança numa resposta.

– “*Depende do estado de espírito. Alguém desanimado preferiria – imagino – um beato reconfortante, ainda que duvidasse das palavras dele...*”

– “*Então e achas que Deus está desanimado?*” – Pergunta ela. Uma certa malícia na voz fez o velho sorrir.

– “*Que conversa parva...*” – Diz ele, ocultando o sorriso – “*Como te sentes hoje, Teresinha?*”

Ao erguer o olhar, o envelhecido rosto de Teresinha, de súbito, desvanecera-se. Foi a parede velha e húmida do quarto que o olhou de volta, marcada pelos bolors dos anos, das décadas. Contudo, a voz de Teresinha ecoou ainda. *Vou andando, vou andando*, diz ela, como sempre diz, quer sorria, feliz, quer desvie o rosto, o corpo, marcado pelo luto. Tal como o velho, que matara a mãe ao nascer, também Teresinha conhecera cedo a perda: a irmã mais velha, separada dela por dois anos, nunca chegou a celebrar o oitavo aniversário. Veio a tuberculose e levou-a, enquanto Teresinha resistiu.

– “*Que coisa viscosa!*” – Gritava ela, no funeral da irmã, e o velho, então criança, nada lhe perguntava ou conseguia dizer, porque sabia perfeitamente que coisa terrível era essa. Afinal, carregava a mãe consigo para onde quer que fosse, e ainda que a culpa não fosse dele – e, num plano racional, o pai também o soubesse –, o ressentimento esteve sempre lá, quase inevitável, quase independente. Talvez por isso o pai rezasse tanto; a

imagem de que o velho nunca se esquecia era essa: a do seu pai, todas as noites, de joelhos no chão de madeira e com o terço na mão. Não saberia explicar o que o fascinava, mas o ímpeto era tal que, sorrateiramente, lá ia ele, todas as noites, pé ante pé, ver o pai a rezar por entre a frecha aberta da porta. Em todos aqueles anos, todas aquelas décadas que viveram juntos, só por uma vez lhe perguntou: encheu o peito de coragem, endireitou os ombros e balbuciou, com a voz nervosa, “*o pai reza por quem?*”. O pai olhou-o, uma fúria assombrosa encobriu-lhe o olhar, mas logo se desfez, tão subitamente como tinha surgido, e começou a contar-lhe a vida de Jesus Cristo. Contou-lhe muitas vezes mais, depois desse dia, e nunca conseguia conter as lágrimas por mais vezes que se repetisse. Mesmo no leito de morte, quando a vida já dispersava daquele velho corpo, com o filho ao lado, tudo o que conseguia balbuciar eram pedidos de desculpa que insurgiam violentamente, por entre rezas e preces a Jesus.

– “*Venho já.*” – Diz Teresinha, antes de desaparecer pela porta da cozinha, a meio do lanche que partilham na casa dela após um dia irrequieto de verão. O velho mal repara; continua a comer o pão fresco barrado ao de leve com manteiga, terrivelmente satisfeito com o preencher da fome, quando a mão da mãe de Teresa aflora no seu ombro.

– “*Tem cuidado com ela, estás a ouvir?*” – Diz ela, a voz rasgada por uma dor terrível mas não fatal – “*Ainda há um mês estava de cama, igual à irmã...*”

O velho não conhece aquela mulher – não como se conhece um amigo – mas compreende o peso na sua voz, a dimensão trágica da sua vida que, embora não consiga colocar em palavras, percebe com a mesma distinção e clareza que o pão nas suas mãos, a manteiga nos dedos.

– “*Não se preocupe, dona Teresa.*” – Diz o velho. Tal mãe tal filha, o mesmo nome, a mesma forma de expressar o luto: momentâneo, violento, como se uma avalanche tomasse forma num segundo e se desfizesse no seguinte. Por isso, logo a mão da dona Teresa solta o ombro do velho, e Teresinha entra pela porta.

– “*Olha o que encontrei!*” – Diz ela, e o velho ergue o olhar do pão, mas tudo o que encontra é a porta entreaberta do seu quarto. *O que encontrou ela?*, pensa, mas já não se recorda.

– “*Teresinha, o que foi que encontraste?*” – Pergunta o velho, a alta voz, mas ninguém lhe responde. *Deve estar a tomar banho*, pensa, e levanta-se da cadeira, decidido a preparar o pequeno-almoço. O pão, a manteiga, a fome – ainda retém todas essas coisas, essas experiências sensíveis, como se fosse todo o corpo, cada uma das células, a recordar em uníssono os tempos da infância. Também Teresinha faz o mesmo – fala da irmã, da mãe, do pai que nunca chegou a conhecer. *É a idade*, diz ela, *faz-nos cair no ridículo*.

– “*O que há de ridículo em recordar?*” – Pergunta ele, algo ofendido, embora reconheça que os dias têm sido monótonos, sentados a relembrar o passado. Teresinha observa-o; o brilho no olhar sugere uma emoção muito particular, de quem compreende o amor sem o saber expressar. *É como a missa*, diz o aluno, um jovem mestrando que o velho orienta há mais de um ano, que todas as semanas aparece à sua frente com uma nova definição de amor, nunca satisfeito, nunca completa, *vive-se em comunhão, mas a experiência é privada*. O velho barra a manteiga no pão e vê-a a infiltrar-se nos alvéolos formados pelas bolhas de ar. *É esperar pelo que já aconteceu*, responde finalmente Teresinha, a voz a ecoar pelo corredor. *Já deve ter acabado o banho*, pensa o velho.

– “*O que queres comer?*” – Pergunta. A sua voz, pelo corredor, de encontro à dela.

– “*O quê?*” – De súbito, um rosto surge pela porta da cozinha. Um terror profundo, animalesco, invade o velho – “*Eu já comi, pai, já lhe tinha dito.*” – *pai?*, pensa o velho – “*Que confusão é essa?*” – A voz do homem agrava-se, um soluço de raiva logo engolido. Tira-lhe o pão e, com um pano, limpa-lhe os dedos engordurados pela manteiga – “*Sente-se, sente-se.*” O velho senta-se, apático.

– “*É melhor limparmos isso tudo antes que a tua mãe veja.*” – Diz o velho. O filho não responde, de costas para o pai, e instala-se um pesado silêncio. *O teu pai reza por quem?*, pergunta Teresinha, rompendo o silêncio. A noite está quente, tão quente que até a brisa hesita. Quando vem, contudo, quando o seu toque refresca aqueles dois pequenos corpos de mão dada, deitados num relvado, preenche-os uma euforia incompreensível, como se nas miragens houvesse uma obscura consistência e pouco ou nada pudesse verdadeiramente negar um sonho, um desejo íntimo, a vontade de contrariar as expectativas herdadas pelo sangue. O velho e a Teresinha são crianças, é certo, mas compreendem o sangue, o quase irresistível domínio que tem sobre eles. Por isso, aquela

brisa, aquele momento, é o único em que se permitem a pensar a liberdade, a possibilidade de quebrar com tudo o que veio antes deles. *Não sei. E a tua mãe?*, pergunta o velho. *Não sei.* Duas pequenas mentiras que preservam o momento, que não permitem que ele se esvaia na violência das coisas. *Fazemos assim*, diz ela, talvez mais consciente, mais cansada da mentira do que o velho, *eu conto até três e dizemos ao mesmo tempo. Tu, do teu pai; eu, da minha mãe.* O velho não responde, mas fica implícito que assente, *Um, dois, três!*

– “*Avó, só quatro? Não tens mais canais?*” – Pergunta o neto, algo surpreso. O velho sorri e passa a mão pelo cabelo do rapaz, sentado ao seu lado. As crianças sempre o intrigaram, a capacidade de dizer as coisas certas, as perguntas que verdadeiramente incidem nos problemas. *Quando é que isso se perde – essa irreverência?*, pergunta, perante a plateia de alunos à sua frente. Contudo, sai sempre das aulas desiludido; aqueles alunos já não são crianças, já a perderam também e a maioria nem se apercebe que a chegou a ter – “*Não te aborreces?*”

O velho nada diz; de qualquer forma, o neto já se distraiu com qualquer coisa no televisor que lhe reteve a atenção, dispensando qualquer resposta.

– “*Vamos!*” – Grita uma voz, do corredor. O velho ouve um universo de possibilidades: o pai que grita o mesmo, enquanto ele se esforça por atar os sapatos; Teresinha que grita o mesmo, enquanto ele se demora a ler as últimas palavras do capítulo; a sua voz que grita o mesmo, enquanto o filho se despede da mãe; o filho que grita o mesmo, enquanto o neto se despede do avó.

A porta de entrada bate, de súbito. Um arrepio percorre a espinha do velho, pois não tem a certeza se alguém saiu ou entrou. *É neste silêncio*, diz Teresinha, sossegando-o, *é neste silêncio que ecoa sempre o que ficou por dizer.*